

CAMINHOS DA INDEPENDÊNCIA: a luta queniana contra as garras do colonialismo inglês

Allana Gama
Santana

Graduanda em História (UFRB).

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a independência do Quênia analisando quais foram as articulações por trás da construção deste o processo. Explora-se os aspectos geográficos, políticos, econômicos e sociais a de fim de traçar os passos que levaram o Quênia a se desvencilhar do domínio inglês, destacando-se o papel das movimentações populares na luta pela independência. Sendo este um trabalho de iniciação científica, trata-se de uma revisão de literatura, baseada na análise de monografias e artigos acadêmicos para descrever a história do Quênia, como foi o domínio inglês e como decorreu a independência.

PALAVRAS-CHAVE

Independência; Quênia; Inglaterra.

Introdução

A decisão estratégica de algumas nações europeias de invadir, dominar e explorar lugares e os povos, não se limitou somente ao continente americano, visto que paralelo ao período de invasão portuguesa e espanhola nas américas, já existia assentamentos europeus na costa africana. A ideia do salvador branco que cruza oceanos para civilizar e levar o cristianismo era usada para legitimar as barbáries e a intensa subjugação cometida.

A presença inglesa nas áreas costeiras do continente africano remonta o antes mesmo do século XIX, a permanência nessas localidades possibilitou que houvesse um conhecimento do terreno e das populações que nele habitavam. Essa ação propiciou a efetiva sondagem das fragilidades, das fortificações e dos recursos dos povos nativos, de forma que somado a discrepância econômica e bélica advinda dos avanços tecnológicos dos anos finais de 1800 viabilizou o avanço da invasão e dominação do europeu na África.¹

Os impérios Britânico e Alemão disputavam o território queniano, após acordos bilaterais, o Quênia passou a ser protetorado inglês. Durante os anos iniciais da invasão inglesa a vida dos locais mudou drasticamente, seja na questão social quanto a econômica. Houve um estímulo por parte da Coroa inglesa para o estabelecimento de moradia de alguns ingleses dentro dos limites territoriais da British East Afric (África Oriental Britânica), diferente dos impérios portugueses e franceses que estimulava o ingresso em massa de colonos em suas terras, o governo britânico transferiu uma quantidade relativamente pequena de invasores.

Um dos meios usados para estabelecer uma dominação efetiva durante expansão imperialista foi a imposição do cristianismo, foram implantadas expedições missionárias por toda costa do continente africano. Impor a religião foi uma das formas que os europeus usaram para expressar seu poder sobre o outro, ou seja, suprimia as diversas religiões locais e estabelecia um credo ocidental como forma de legitimar a dominação. A presença do comércio europeu afetou a existência e as formas de comércio local, muitas sucumbiram à dominação.

Com a intenção de estabelecer o domínio sobre o território, o império britânico adotou duas frentes estratégicas. A vertente diplomática que buscava negociar e estabelecer alianças com os líderes locais, afim de manter um clima ameno entre invasores e nativos. Essa relação ocorreria através da troca de benefícios, pois existia a pretensão que a relação entre explorado e explorador fosse algo colaborativo, facilitando a invasão britânica.

As lideranças dos povos que se aliavam ao império britânico, tinham como tarefa cobrar impostos e punir aqueles que recusavam a seguir as determinações inglesas. Os líderes constituídos pelos britânicos serviam como capatazes assalariados, eles tinham o dever de manter a ordem e lei

1 Ver em Godfrey N. Uzoigwe, *Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral*, In: Albert A Boahen org. *História Geral da África*, V.7, Brasília, UNESCO, 2010, pp. 19-44.

entre os autóctones, além de convocar e designar funcionários para servir aos invasores.

Outra tática utilizada era o favorecimento de um povo em detrimento do outro, fomentando conflitos entre várias sociedades locais. Em relação às investidas militares, o governo colonial tinha como objetivo desarticular as lideranças locais contrárias a invasão, extinguindo seu poder e impondo de forma mais drástica a dominação. Essas iniciativas, fossem elas diplomáticas ou não, serviam para forçar uma colaboração por parte dos povos nativos ou para impor um governo.

Esses povos que os ingleses buscavam colaboração, tinham seus métodos próprios de sobrevivência, de modo que muitos viviam da agricultura e do pastoreio, como é o caso dos Gikuyus. A partir da invasão e do estabelecimento da dominação inglesa, as terras que outrora eram da população local passaram a ser do protetorado britânico. Foram implementadas leis que designavam a posse de terra aos colonos, e povos como os Gikuyus foram segregados em pequenas faixas de terra sendo submetidos a superlotação.

Quênia

A região costeira do Quênia era um importante entreposto, utilizado para venda e troca de mercadoria, além de ser um bom atracadouro. Desde o século VIII há indícios da presença árabe na costa queniana, interessados na localização, dominaram o comércio com o sul da Arábia.

O domínio árabe foi pela presença portuguesa em 1505, com a conquista de Mombasa. De acordo com o navegador português Duarte Barbosa, Mombasa era um lugar de grande tráfego que tinha um bom porto onde sempre estavam atracadas desde pequenas a grandes embarcações.²

Uma das estratégias utilizadas para facilitar a dominação era estabelecer alianças com os líderes locais, essas ações diplomáticas entre os portugueses e os nativos possibilitaram um fluxo fluído de mercadorias, porém durante o domínio português essa relação passou por períodos de instabilidade.³

A origem do nome em questão deriva da segunda maior montanha do continente africano, o Mount Kenya⁴, o Quênia atual faz fronteira com cinco países sendo eles Uganda, Tanzânia, Somália, Sudão do Sul e a Etiópia, é importante salientar que mesmo com a existência de línguas nativas faladas, o idioma oficial atual é o mesmo do invasor, uma das cicatrizes da independência que está

2 Ver em Shanti Sadiq Ali, *The African Dispersal in the Deccan from Medieval to Modern Times*, Orient BlackSwan, Londres, 1996.

3 Ver em Adriaan Hendrik Johan Prins, *As Tribos Costeiras do Nordeste Bantu (Pokomo, Nyika, Teita)*, Inglaterra, Routledge, 1977.

4 Monte Quênia tem a altitude de 5199m e se localiza a cerca de 200 km da capital do Quênia, é o segundo ponto mais alto da África, ficando atrás somente do monte Kilimanjaro, na Tanzânia.

presente em diversos países do continente. O inglês é falado principalmente nas áreas urbanas, povoados mais rurais e áreas periféricas existe uma predominância de línguas nativas.

Assim como ocorre com a língua oficial, o cristianismo, crença imposta pelos ingleses é, do ponto de vista formal, majoritária em relação às religiões dos povos locais, ambos os traços remontam às marcas que o imperialismo deixou em territórios do continente africano.

A produção historiográfica sobre o Quênia

Na análise bibliográfica para a construção do trabalho em questão foram utilizados alguns artigos, monografias e teses, afim de dissecar e compreender os diversos ângulos do processo que culminou na independência do Quênia.

Pesquisando nos bancos de tese e dissertação da CAPES, no repositório da UFRGS e na plataforma digital de pesquisa Google Acadêmico, levantei um número significativo de bibliografia, desses textos foram selecionados um total de cinco textos, os temas relacionados discutem diversos ângulos da revolução anticolonialista Mau-Mau. Os trabalhos levantados, cobrem um período de tempo de cerca de dezesseis anos, como resultado da busca foram encontrados artigos e trabalhos de conclusão de curso da graduação.

As representações

A monografia de conclusão de curso do historiador Tiago Reis, intitulada *Revolta Mau Mau – Jogo de representações (1952-1960)*, discute os estereótipos que acompanham a insurgência Mau-mau, possibilitando assim compreender a múltiplas formas de representação e as ideias construídas sobre o referido movimento.⁵ Em seu artigo, Reis dialoga com a ideia de representação de Edward Said na sua obra clássica *Orientalismo*, que discorre sobre como o Ocidente construiu o Oriente, um “Outro” onde todo o povo ou nação é estereotipado seja como terrorista, exótico ou até mesmo irracional chegando a ser não civilizado.

Ainda durante a introdução, Reis discorre acerca da inversão de papéis, quando os autóctones, cansados de viver sob o julgo da exploração e dominação fizeram uso da força para se ver livre das amarras do imperialismo, utilizando-se do mesmo argumento que fora usado pelos invasores para se referir aos dominados, com um adendo, agora os insurgentes afirmam que o colonialista só entende a força.

A partir da leitura do trabalho de Tiago Reis é possível entender o processo de fomentação

5 Ver em Tiago da Silva dos Reis, *Revolta Mau Mau – Jogos de representações (1952-1960)*, Trabalho de conclusão de graduação (Graduação), Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2022.

da insurgência Mau-mau, as movimentações anteriores que foram suprimidas pelas forças coloniais, além de traçar os períodos anteriores a invasão e seu estabelecimento após a Conferência de Berlim. Destaca-se as reflexões do autor acerca dos discursos usados pelos europeus para legitimar a invasão, amparados em uma ciência racista para validar sua ideia de superioridade sob outras sociedades.

Ainda dentro do espectro das representações, foi levantado o artigo do doutor em Direito pelas Universidades de Paris e Coimbra, Paulo Cunha, que tem o título *Do terrorismo reflexões jurídico-políticas*.⁶ O autor discute o argumento usado pelo New York Times, veículo de imprensa norte-americano, que se refere ao levante queniano pela independência como terrorismo, chegando a classificar as movimentações Mau-mau como sinais das frustrações de um povo selvagem, ou seja, avesso à civilização.

Cunha aponta que apesar dos guerrilheiros Mau-mau serem tachados pelos veículos de imprensa como sanguinários, a diferença entre os números de mortos entre o lado colonial e insurgente eram sem dúvida alguma discrepantes, visto que apesar do esforço dos guerrilheiros em combater a presença dos ingleses, o seu poderio bélico era inferior ao seu adversário.

Missões e os insurgentes

A relação entre os insurgentes Mau-mau com as inúmeras missões de cunho religioso no Quênia foram objetos de reflexão de dois artigos encontrados. O primeiro deles é o trabalho intitulado *“Fé na cultura”*: *Índios, Missionários e códigos de mediação*, da antropóloga Melvina Araújo e do também antropólogo Aramis Luis Silva. Nesse texto, os autores abordam o posicionamento da Instituto Missões Consolata - órgão religioso italiano estabelecido no Quênia durante o período da insurgência e no pós-independência – em relação ao movimento Mau-mau. A partir desse artigo é possível analisar a relação passivo-agressivo dos Mau-maus com a missão, pois mesmo não sendo britânicos os missionários ainda eram brancos forasteiros, ou seja, a presença deles não era bem-vinda. Os autores destacam que as ideologias insurgentes se voltarão para a defesa das tradições Gikuyus e para o combate a invasão colonialista.⁷

Já o segundo texto, *Missionários, Kikuyu e Mau Mau: Pontos de convergência em situações de conflito* também da antropóloga Melvina Araújo, serve como um aprofundamento dessas questões, mostrando a preocupação por parte das lideranças da missão com um possível ataque Mau-Mau, visto que as ações dos insurgentes ganharam força principalmente nas áreas onde os missionários atuavam. Suas preocupações não eram infundadas pois, ao longo do ano de 1957, três clérigos morreram durante as ações do movimento.⁸ Vale destacar que, para analisar relação instável entre missionários e revolucionários, assim descrevendo as medidas que foram tomadas para a permanência das missões

6 Ver em Paulo Ferreira da Cunha, *Do terrorismo reflexões jurídico-políticas*, Direitos fundamentais & Justiça, nº 8 – Jul. /Set, 2009, pp. 8

7 Ver em Aramis Luis Silva, Melvina Afra Mendes de Araújo, *“Fé na Cultura”*: *Índios, Missionários E Códigos De Mediação*, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, nº 27, jan. /Jun 2007, pp. 165-182.

8 Ver em Melvina Afra Mendes de Araújo. *Missionários, Kikuyu e Mau Mau: Pontos de convergência em situações de conflito*. Revista Aulas. nº 4 – abril 2007/julho, 2007, pp. 1-19.

em território queniano, a autora dialoga com dois textos de Alberto Trevisiol, um autor italiano. Até que ponto as considerações de Araújo estão condicionadas por esse aspecto é um ponto para reflexão.

Insurgência Mau-mau

A monografia do historiador Bruno Oliveira, intitulada como *Insurgência Mau Mau: Resistencia armada no Quênia, 1952-1960* publicada em 2015, busca traçar os caminhos que ocasionaram a invasão colonial, descrevendo as relações de trabalho e como eram as divisões territoriais até o estopim da revolução anticolonialista.⁹ Ao longo de três capítulos, o autor discorre sobre as articulações políticas dos Gikuyus que gerou a insurgência, transpassando desde os pequenos levantes sufocados e reprimidos pela Coroa inglesa, até o movimento Mau-mau.

Oliveira aborda as formas usadas pelos insurgentes, desde o juramento que beirava a religiosidade ao estilo de ação adotado pelos guerrilheiros. Nos anexos dessa monografia é possível observar fotografias do período, essas que retratam os armamentos e os soldados, tanto do lado do governo colonial quanto do lado queniano.

Sinais da resistência contra a invasão colonial

A invasão inglesa em terras quenianas trouxe grande impacto para vidas de povos nativos como os Gikuyus e Masai, que tinham como forma de sobrevivência a agricultura e a criação de animais. O primeiro baque foi semelhante ao que ocorreu na América portuguesa no século XV, o colonizador trouxe consigo doenças, as quais os povos nativos não tinham anticorpos para combater.

A varíola dizimou milhares de povos nativos do Quênia enquanto as patologias bovinas exterminaram grande quantidade dos rebanhos, afetando, especificamente sociedades que sobreviviam através do manejo do mesmo, com isso houve uma onda de fome, pois os animais haviam morrido e suas terras que serviam para o plantio foram confiscadas. A invasão afetou significativamente a estimativa populacional dos povos nativos, causando uma diminuição expressiva.

A segregação, uma das marcas da colonização inglesa, também foi aplicada no Quênia. Os povos nativos foram realocados para reservas determinadas pelo governo colonial. Na divisão que foi feita, as melhores terras, ou seja, as mais férteis, ficaram sob o domínio dos colonos, enquanto uma pequena zona foi designada para abrigar as sociedades quenianas.

A nova divisão territorial desagradou aqueles que dependiam das terras para sobrevivência e logo pequenos levantes começaram a aparecer. É importante assinalar que o domínio inglês, apesar

9 Ver em Bruno Ribeiro Oliveira, *Insurgência Mau Mau: Resistencia armada no Quênia, 1952-1960*, Trabalho de conclusão de graduação (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

de ser forte, era passível de contestação e as revoltas são indicativas disto.

Uma das primeiras movimentações mais fortes ocorreu no ano de 1921 quando ideias revolucionárias foram disseminadas entre os Gikuyus. Estava à frente dessa ação a Associação dos Jovens Kikuyus, que tinha a intenção de ser uma organização efetiva para pressionar o governo colonial.

Ocorreu um encontro com um significativo número de participantes, porém o governo colonial, afim de reprimir e evitar maiores movimentações, prendeu o líder Thuku, o que provocou uma onda de revolta forçando a administração colonial a se comprometer em realizar um julgamento justo. No dia do júri houve brigas e mortes e as atividades da Associação foram encerradas. Segundo Oliveira, o anseio por mudanças pulsava entre os autóctones “não era mais possível barrar o ímpeto dos autóctones em se reunirem em associações de cunho político para pautar suas demandas e agrupar a força do seu grande número populacional. Os britânicos jamais cederiam às demandas de terra, direitos e autonomia”.¹⁰

A repressão conseguiu suprimir os líderes dos movimentos, mas as ideias revolucionárias permaneceram. Então, novas associações foram criadas, como a Kikuyu Central Association (Associação Central Kikuyu), que foi um marco para a história das articulações políticas Kikuyus, pois conseguiram trabalhar com povos em vários locais da colônia, conseguindo assim instruir uma quantidade significativa de pessoas, despertando a chama revolucionária entre muito autóctones.

Já nos seis anos que antecederam a insurgência Mau-mau, foi criada a União Africana do Quênia, que tinha como líder Jomo Kenyatta, um antropólogo com uma bagagem significativa, pois já em sua monografia defendera os interesses Gikuyus, realizando uma etnografia sobre seu povo, mostrando seu descontentamento com as intromissões imperialista e cristãs sobre os valores e tradições do seu povo.¹¹

União Africana do Quênia, de forma organizada, se articulou em prol de pautas como a representatividade no Conselho Legislativo, e tinham como metas um governo totalmente africano e livre dos invasores europeus. Assim com sua antecessora, buscou politizar os povos nativos sobre as demandas locais.

Um perfil dos insurgentes Mau-mau

Com o passar do tempo o descontentamento crescia exponencialmente, o peso da segregação e do domínio inglês a cada dia se tornava mais insuportável. Em meio a toda insatisfação surgiu o Exército Terra e Liberdade do Quênia que, de início, fazia o mesmo trabalho que as associações an-

10 Ver em Oliveira, *Insurgência Mau Mau: Resistencia armada no Quênia*, p. 23

11 Ver em Jomo Kenyatta, *Facing Mount Kenya*, Inglaterra, Vintage Books, 1938.

teriores haviam começado, instruía e politizavam a população.

Oliveira dialoga em sua monografia com o pesquisador Maina Kinyatti – considerado o principal historiador do Mau Mau no Quênia- para explicitar o papel do juramento no meio insurgente queniano, ele aponta que o juramento era usado como ferramenta de controle.

Dentro do espectro da insurgência existia cerca de três tipos de juramento, sendo eles aponta um diferencial entre os três tipos de juramentos, sendo dividido entre o Juramento da União, o Juramento da Liderança e o Juramento Batuni.¹²

O juramento da união visava focar na lealdade e o comprometimento de quem o proferia, somente os membros recém filiados a União Nacional Africana do Quênia e o Exército Terra e Liberdade do Quênia o proferiam. Junto com o juramento vinham as obrigações, desde lutar pela recuperação das terras usurpadas a apoiar seus aliados em situações difíceis.

Já o juramento Batuni era voltado para um caráter mais belicoso, ele estimulava a obediência dos guerrilheiros, e caso o soldado insurgente voltasse para o lado do governo colonial, o juramento indicava que a pena para tal traição era a morte. Oliveira destaca que para atingir os objetivos requeridos, os guerrilheiros deviam assumir, por vezes, ações violentas.

O juramento da liderança, assim como seu nome já diz era direcionado para os líderes do movimento e de grupos locais, nele está presente a necessidade de uma liderança forte, que conduziria os insurgentes para a liberdade. Os juramentos eram repletos de simbolismo, com o tempo, sofreram alterações, mas não perderam sua essência. Em momentos posteriores a disseminação do juramento se tornou sem precedentes, cada vez mais novos Kikuyus aderiam ao movimento, forçando o governo colonial a declarar estado de emergência.

Sempre que algum movimento caía sob os olhos da administração colonial, era reprimido e silenciado, por meio de prisões etc., vários outros movimentos surgiam. Mesmo com toda repressão, o sentimento de revolta crescia, principalmente entre o povo Kikuyu, esse sentimento os moldou e encorajou, e dele surgiu o movimento anticolonialista Mau-mau.

Os guerrilheiros Mau-mau, em sua maioria, eram jovens que nasceram e cresceram sob o jugo colonial. Alguns eram ex-combatentes da Primeira guerra mundial que, insatisfeitos com a bonificação inglesa, se juntaram os insurgentes. A juventude Mau-mau culpava seus antecessores pelo domínio inglês¹³.

Em desvantagem de armamento, qualquer ataque contra a administração deveria adotar um caráter ágil. Sempre agindo de forma pontual e realizando fugas rápidas, os guerrilheiros conseguiam se esquivar das garras dos colonizadores. Os insurgentes agiam de forma descentralizada para dificultar a repressão inglesa, as reuniões que outrora aconteciam nos centros urbanos precisaram ser

12 Ver em Oliveira, *Insurgência Mau Mau: Resistência armada no Quênia*, p. 41

13 Ver em Oliveira, *Insurgência Mau Mau: Resistência armada no Quênia*, p. 28

realocadas para o interior, afim evitar a fiscalização colonial.

Com o aumento da repressão, as diversas células de guerrilheiros do Exército Terra e Liberdade do Quênia ganharam mais autonomia, cada grupo possuía sua estrutura própria, porém sempre seguiam as determinações decididas pelo Kenya Parliament (organização central do Exército Terra liberdade do Quênia).

Mau-Mau e a missão religiosa da Consolata

Antes mesmo da Inglaterra invadir a região hoje chamada de Quênia, já haviam neste território sede de missões com cunho religioso e supostamente humanitário, essas que exerciam a fantasia do branco salvador que tinha a necessidade de ganhar almas, impondo sua religião e cultura sob diversos povos.

Nas terras quenianas não havia somente missionários ingleses, como pode ser verificado no caso dos missionários da Consolata, de nacionalidade italiana. Com o começo das insurgências, a preocupação tomou conta dos clérigos que habitavam na colônia inglesa. Sabiam da aversão dos Mau-maus pela presença dos brancos ingleses. Os missionários da Consolata não eram ingleses, mas eram brancos e europeus, logo, o medo se espalhou e a preocupação tomou conta do Bispo D. Cavallera. Segundo Araújo “Após esses ataques, o bispo D. Cavallera teria solicitado aos superiores italianos, como medida de proteção dos missionários, recursos para construir casas de pedra em substituição às casas de madeira existentes”.¹⁴

Os missionários da Consolata possuíam divergências com os insurgentes e colonos, quando se tratava dos guerrilheiros, o medo de ser alvos de ataques era o principal fator, já as relações com os ingleses tinham seus altos e baixos, como pode se constatar na análise que Araújo faz das cartas de D. Cavallera, “Noutro momento, cita uma carta escrita por D. Cavallera, na qual ele se queixa do fato de os missionários serem considerados, pelos africanos, simplesmente como brancos, já que os missionários italianos, assim como os africanos, também sofriam com o racismo dos britânicos”.¹⁵

Essa rixa com a administração colonial é notória também quando os missionários não apoiam a repressão contra a guerrilha. Não se posicionar contra os Mau-maus, facilitou a permanência da missão italiana após a independência.

14 Ver em Araújo, *Missionários, Kikuyu e Mau Mau: Pontos de convergência em situações de conflito*, p. 4.

15 Ver em Araújo, *Missionários, Kikuyu e Mau Mau: Pontos de convergência em situações de conflito*, p. 5.

Mau-mau e as representações

Com o aumento de ações da insurgência Mau-mau, veículos de imprensa internacional começaram a noticiar os acontecimentos quenianos, de modo que a representação do movimento, assim como tudo o que vinha do continente africano, ganhou estereótipos negativos.

O pretexto usado pelo colonizador para legitimar sua dominação era que os povos do continente africano eram selvagens, logo necessitariam ser dominados, quando esses povos começavam a se articular pela independência de suas terras, o julgo do estereótipo foi posto em prática. Um dos maiores jornais dos Estados Unidos da América, o New York Times, diante das primeiras movimentações na colônia britânica, classificou categoricamente os acontecimentos como uma ação resultado das frustrações de povos selvagens.¹⁶

Segundo Stuart Hall,¹⁷ em sua obra *Cultura e Representação*, muitas vezes existe a ideia que a imposição de poder só se limita a coerção física, porém é de suma importância compreender que o poder se manifesta também através da representação, essa que por sua vez pode marcar, classificar e atribuir sentido, provocando por vezes a generalização ou até mesmo estereotipando de um determinado povo, pessoa ou país.

A expressão desse tipo de controle também é um exercício da violência simbólica, quando um grande veículo de imprensa atribui o estigma do terrorismo a uma luta anticolonialista, não é algo desprezioso, tem uma intenção mascarada por trás.

O combate pelas terras não ficou somente no campo de batalha, ele também se estendeu para as disputas pelas narrativas. Ambos os lados produziam e distribuíam folhetos sobre suas ideias. Os panfletos, do lado britânico, expressavam o temor da Coroa com o crescimento do número dos insurgentes e relatavam o furto de armas por parte dos guerrilheiros Mau-mau. Sua produção e distribuição tinham alvos específicos, desde os próprios insurgentes – afim de galgar o arrependimento- aos legalistas – para firmar as suas bases e alianças. Já os folhetos do lado anticolonialista tinham o papel de alerta sobre os impactos da invasão britânica e conseguir novos seguidores.

Foi produzido também, por parte da administração inglesa, materiais audiovisuais que tinham como principal foco, retratar possíveis atrocidades dos guerrilheiros, impondo cada vez mais, o dogma do terrorismo sobre os insurgentes.

16 Ver em Cunha, *Do terrorismo reflexões jurídico-políticas*, p. 8.

17 Ver em Stuart Hall, *Cultura e Representação*, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2016.

Revolução ou Insurgência

Nos textos analisados os autores trazem múltiplas definições acerca do que foi os Mau-maus, alguns usam o termo insurgência e outros associam o movimento a uma revolução, para compreender o conceito de cada terminologia e associar as movimentações que ocorreram no Quênia foi preciso analisar o processo anterior e posterior a independência.

A definição de revolução está atrelada a ideia de mudança radical de uma estrutura política, logo o processo que ocorreu dentro do território queniano não se encaixaria com esse conceito. Foram anos para as articulações em pequenas reuniões, revoltas frustradas se tornarem uma organização mais sólida ao ponto de atacarem de fato os colonos. Mesmo após a independência as estruturas políticas coloniais não se desfizeram, muitos ingleses permaneceram nos mesmos postos que ocupavam antes da tomada do poder.

Já quando se trata de insurgência, o movimento Mau-mau se encaixa nos moldes, visto que o conceito de insurgente é a revolta, se rebelar ou até mesmo se levantar contra algo. Como tratado durante o texto, é possível observar que houve articulações e pequenos levantes que se revoltaram com a estrutura social definida pelos colonos ingleses.

Considerações finais

Houve muitas articulações antes da insurgência mau-mau tomar forma. Para que o movimento tivesse o impacto que teve, o inconformismo dos locais foi fundamental pois, povos como os Gikuyus, nunca se conformaram com invasão, desapropriação de terras e a segregação, sempre procuraram se articular através do trabalho de base, conscientizando a população da importância de lutar por seus ideais, pelas suas terras e por sua liberdade.

Se posicionar contra o domínio de uma nação europeia não era algo simples, pois a reação do governo colonial com a repressão massiva e avassaladora era algo garantido, visto que existia uma diferença bélica e econômica entre os lados em combate. A coroa inglesa usou de mecanismos de representação para taxar e estereotipar os insurgentes, afim de deslegitimar suas pautas.

Existia também uma grande discrepância em relação ao poderio armamentista. O governo colonial possuía armas de última geração com capacidade de destruição imensamente superior aos armamentos artesanais dos guerrilheiros Mau-maus.

Essa diferença ocasionou um grande número de morte do lado dos insurgentes, cerca de vinte

mil, enquanto do lado inglês, estima-se que tenham sido mortos trinta e dois colonos. Mesmo sendo taxados como sedentos por sangue, os guerrilheiros não chegaram a matar nem a metade do que administração matou.

Como parte da repressão massiva, várias prisões ocorreram. Os prisioneiros eram levados para campos de concentração e torturados, isso não impediu de a luta continuar. A prisão de Jomo Kenyatta, homem apontado como um dos líderes da insurgência, as pressões aumentaram até a libertação do mesmo.

Apenas em 1963, três anos após o fim do conflito, o Quênia conquistou sua independência e das comemorações da liberdade estava Kenyatta, assumindo seu posto de liderança, posteriormente se tornando o primeiro presidente do novo país.

A insurgência Mau-mau foi um fator decisivo para a independência queniana, entender o processo que levou o surgimento e as relações que cercavam o movimento anticolonialista é compreender como um povo não perde as esperanças de restaurar sua liberdade e sua autonomia. O diálogo com esses cinco textos possibilitou a construção desse artigo, pois abriu o leque acerca do entendimento das articulações posteriores a independência, desde as diversas invasões anteriores ao domínio inglês a relação dos insurgentes com os religiosos.